

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Ante-Estreias

4 de Janeiro de 2021

## DOMANGCHIN YEOJA / 2020

A Mulher que Fugiu

*um filme de Hong Sang-soo*

**Realização e Argumento:** Hong Sang-soo / **Fotografia:** Kim Sumin / **Som:** Seo Jihoon / **Montagem:** Ham Sung-won / **Música:** Hong Sang-soo / **Correcção de cor:** Kim Jimin / **Director técnico:** Lee Jeahan / **Interpretação:** Kim Min-hee (Gam-hee), Song Seon-mi (Su-young), Eun-mi Lee (Young-ji), Hae-hyo Kwon (Sr. Jung), Young-hwa Seo (Young-soon), Sae-Byuk Kim (Woo-jin), Suk-ho Shin (homem do gato), Sung-guk Há (jovem poeta).

**Produção:** Jeonwonsa Film Co (República da Coreia, 2020) / **Cópia:** da Midas Filmes, em DCP, cor, legendada em português / **Duração:** 77 minutos / **Título internacional:** The Woman Who Ran / **Primeira apresentação pública:** 25 de Fevereiro de 2020, Festival de Berlim – Urso de Prata Melhor Realizador / **Estreia comercial:** Maio de 2004, Coreia do Sul / **Estreia em Portugal:** 7 de Janeiro de 2021, Cinema Ideal / Primeira exibição na Cinemateca

---

Eis **A Mulher que Fugiu / Domangchin Yeoja**, o último Hong Sang-soo, que, estreando no Festival de Berlim de 2020, valeu ao cineasta o prémio para melhor realização, e que chega agora às salas portuguesas através da Midas Filmes, acompanhado por alguns dos seus filmes anteriores. Na Cinemateca, a ante-estreia de **A Mulher que Fugiu** corresponde ao mais recente capítulo de uma retrospectiva da obra do singular autor sul coreano que realizámos há um ano atrás, intitulada “As Variações de Hong Sang-soo”, que nos permitiu uma visão abrangente da sua obra. **A Mulher que Fugiu** inscreve-se assim num universo que é nosso conhecido e em que são recorrentes inúmeros motivos, tanto do ponto de vista narrativo como formal, que, nas suas combinações e variações, nos devolvem a representação de um quotidiano feito de pequenos nada, que se orquestram para nos revelar uma realidade plena de subtilezas. É uma realidade que surpreende antes de mais pela sua proximidade com a nossa, com toda a sua falta de linearidade e complexidade, convidando-nos a uma viagem interior, que de alguma forma ecoa a das personagens. Mas dizendo isto, tudo é narrado com a habitual descrição de Hong Sang-soo.

**A Mulher que Fugiu** sucede a um ano de intervalo em que Hong Sang-soo não filmou, o que é raro na sua prolífica obra, sendo a sua longa-metragem anterior, **Gangbyeon Hotel/“Hotel à Beira-Rio”** (2018), um filme mais grave que o habitual, que anunciava a proximidade da morte de uma das mais justas personagens masculinas do seu cinema. Nesse sentido, **A Mulher que Fugiu** parece assinalar um duplo regresso: o regresso ao uso cor, depois de vários filmes a preto e branco, e a

retoma do tom de obras anteriores, afastado o espectro invernal de **Gangbyeon Hotel**.

A belíssima Kim Min-hee protagoniza mais este filme, que assume claramente uma perspectiva feminina, acompanhada por outras três mulheres, três amigas de longa data que encontra à vez, depois de uma longa separação, aproveitando o tempo livre deixado por uma viagem de trabalho do marido, no termo de cinco anos de um casamento. Confrontamo-nos aqui com um cinema à flor da pele, que se revela na experiência desta mulher, que não percebemos imediatamente se se encontra em fuga, pois não é imediatamente perceptível quem “foge” em **A Mulher que Fugiu**. “Fugiu” a mãe da rapariga que vive no prédio da primeira amiga, cuja história se conta; muito provavelmente foge, consciente ou inconscientemente, Kim Min-hee/Gam-hee, ou poderá vir a fugir no termo da “viagem”; ou terão ainda fugido as restantes. Mas não interessa tanto quem foge, mas o que procuram e todo o subtexto que atravessa os seus diálogos e relações.

Acentuando o habitual minimalismo Hong Sang-soo, o filme estrutura-se em três blocos sucessivos que corresponderão aos três encontros distintos de Gam-hee, invariavelmente filmados em longos planos-sequência, entrecortados por alguns zooms. Ao invés do uso do tradicional corte, as aproximações aos rostos e aos corpos das personagens fazem-se dentro dos próprios enquadramentos no decorrer de longos planos, o mesmo acontecendo com as transposições entre diferentes espaços. O zoom, associado a movimentos panorâmicos, é aqui essencial no modo como introduz “falsos” campos/contra-campos durante as conversas, ou como nos desloca da beleza de uma montanha para um espaço interior e vice-versa. Filme essencialmente concentrado em interiores, em que o exterior se vê enquadrado por uma janela, ou mesmo por uma câmara de vigilância, em **A Mulher que Fugiu** o espaço é encarado enquanto poderosa metáfora visual do estado das personagens, revelando-se a importância das suas casas face ao mundo que as cerca e acentuando a sua relação com uma ideia de liberdade.

Tudo parece reduzido ao essencial, mas a simplicidade é apenas superficial, pois a complexidade imiscui-se progressivamente nos diálogos, que revelam uma aproximação ao estado bruto das coisas. Como se, a cada conversa, se produzisse uma alteração do estado de alma da protagonista, motivada pelo confronto com outras realidades e outras perspectivas sobre a sua própria realidade, muitas vezes apenas sugeridas por uma simples pergunta. Como é tão habitual no cinema de Hong Sang-soo, é pela palavra, e não tanto pelas acções, que se definem mundos. Palavras que entram frequentemente em contradições com as acções, pois aqui estamos perante uma sinceridade desarmante. As rimas e o humor continuam a ser uma constante nesta representação da multiplicidade de possibilidades de um quotidiano partilhado, que se revela em toda a sua beleza e simplicidade. E é mais uma vez no mar, desta vez enquanto imagem numa sala de cinema, que a protagonista encontra o seu ponto de fuga no termo desta viagem em busca de uma “verdade” impossível de alcançar.

Joana Ascensão